

## Texto 1

### PRIMAVERA ÁRABE

Antes de qualquer coisa, é importante saber do que realmente se trata a “Primavera Árabe”. Esse termo se refere a uma onda de manifestações ocorridas em países árabes do norte da África, desde o final de 2010, que tiveram início na Tunísia, após o suicídio de um vendedor ambulante na cidade de Sidi Bouzid. Por não conseguir sua licença para trabalhar nas ruas, o homem passou anos sendo assediado pelas autoridades tunisianas e, por não possuir o dinheiro para pagar aos fiscais, teve sua mercadoria confiscada. Desesperado, o comerciante acabou por atear fogo em si próprio, desencadeando uma onda de protestos.

Os protestos prosseguiram ao longo do começo de 2011 e seus estímulos vinham do excessivo aumento dos preços dos alimentos básicos, que acabou por aumentar a insatisfação popular diante das más condições de vida da maior parte da população tunisiana e da corrupção do governo. A insatisfação aumentou com as revelações dos telefonemas do Departamento de Estado americano vazados pelo Wikileaks, que expunham as tramas corruptas do presidente Ben Ali (BEAS, 2011).

SOUZA, Rogério; COSTA, Débora. A revolta digital: impacto das redes sociais da internet nos protestos de rua dos países árabes em 2011. Disponível em: [revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/download/1100/956](http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/download/1100/956). Acesso em: 07 abr. 2019

## Texto 2

[...] Todos esses acontecimentos atraíram a atenção de todo o mundo para aquela região, despertando a curiosidade de muitos estudiosos para o modo como esses protestos foram organizados. A curiosidade era sobre o papel das redes sociais da internet, como Facebook e Twitter, nas mobilizações de rua nos países árabes. Com o amplo acesso à informação que é permitida pela internet, fica cada vez mais difícil a permanência no poder de regimes que sejam totalitários. Se antes das mídias digitais, o controle da população em grande

parte se dava pelo uso da força de um estado repressor e mantendo a televisão, jornais e rádios sob vigilância constante, com o fluxo em tempo real das informações disseminadas pela internet, esse controle começou a ruir [...]

SOUZA, Rogério; COSTA, Débora. A revolta digital: impacto das redes sociais da internet nos protestos de rua dos países árabes em 2011. Disponível em: [revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/download/1100/956](http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/download/1100/956). Acesso em: 07 abr. 2019

### Texto 3

[...] a comunidade internacional se deparava, então, com uma onda de protestos [...], que atingiu os governos do Egito, Iêmen, Bahrein, Jordânia, Síria e Líbia. Essa massa insatisfeita fez uso das novas tecnologias e das mídias sociais, como telefones celulares, mensagens de texto, redes sociais e da internet para convocar o povo às ruas e juntos protestarem contra o governo. O Twitter era usado para a marcação de encontros pelos ativistas e para a disseminação de informações sobre o protesto. O Facebook era utilizado para debates, divulgação de locais e hora dos protestos, fotos e vídeos. O YouTube servia como ferramenta de armazenamento de vídeos.

TAVARES, Viviane. O Papel das Redes Sociais na Primavera Árabe de 2011: implicações para a ordem internacional. Disponível em: <https://www.mundorama.net/?p=10624> Acesso em: 07 abr. 201

## Texto 4

← → × <https://exame.abril.com.br/tecnologia/na-primavera-arabe-internet-e-faca-de-dois-gumes/>

≡ EXAME

MEC Ricardo Vélez Abraham Weintraub IRPF 2019 Bolsonaro

Manifestante egípcio mostra placa com o nome Facebook: as redes também podem ser usadas pelos governos (John Moore/Getty Images/)

São Paulo — Facebook, Twitter e outras redes sociais desempenharam um papel considerável nos recentes movimentos contra a ditadura nos países árabes. Mas a internet também pode ser utilizada pelos líderes ameaçados para consolidar seu poder, afirmou a Anistia Internacional (AI) num informe publicado nesta sexta-feira.

“Não há nenhuma dúvida de que as redes sociais tenham desempenhado um papel muito importante ao permitir que as pessoas se reúnam. Mas temos que ter sempre em mente que isso dá também, aos governos, a oportunidade de tomar medidas duras contra a população”, afirmou o secretário-geral da Anistia Internacional, Salil Shetty. A declaração coincide com a publicação do informe anual sobre a situação dos direitos humanos no mundo.

“Os governos lutam para recuperar a iniciativa ou para utilizar essa tecnologia contra os militantes”, afirma o documento. A “primavera árabe”, que começou